



Música Acionando Memórias: O Charmeiro e Madureira¹

Libny Freire²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Madureira é um bairro do subúrbio carioca que abriga uma diversidade de gêneros musicais. O consumo da música, seja nas ruas, quadras de escolas de samba ou embaixo do viaduto, cria territorialidades e sociabilidades que, unidas, acionam memórias afetivas e musicais. A partir de entrevistas com charmeiros e, utilizando os conceitos de memória e sociabilidade, observamos as narrativas que acionadas pela música são responsáveis pela construção da memória afetiva desse bairro a partir do gênero musical denominado charme.

Palavras-chave: subúrbio; Madureira; charme; memória; sociabilidade.

Madureira: Concreto e afeto suburbano

No século XIX e XX, Paris era reconhecida como o centro da cultura mundial, período que ficou conhecido como *Belle Époque*. Foram anos de grandes descobertas, do avião ao cinema, foram muitas as novidades e avanços da sociedade. As mudanças se deram e diversas áreas: cidade, moda, gastronomia, linguagem e sociabilidades.

No Brasil não foi diferente, em especial no Rio de Janeiro, onde esse “afrancesamento” não foi apenas admirado e ambicionado pela população, mas imposto pelas autoridades governamentais. O então prefeito da Cidade, Pereira Passos, que morou em Paris, instituiu uma reforma urbanística no centro da cidade,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Consumo, Memória: cenas culturais e midiáticas do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

² Doutoranda em Comunicação (PPgCOM/UERJ), jornalista e mestra em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN). Membro do grupo de pesquisa CAC – Comunicação, Arte e Cultura – pesquisa cidade, subúrbio, imaginário, cultura e música. Contato: libnyfreire@gmail.com.



inspirada na cidade europeia: A ideia era limpar a cidade, retirar os cortiços, para que as epidemias, provenientes de falta de saneamento e higiene, pudessem diminuir. O ideal sanitaria estava atrelado à necessidade de embelezamento da cidade.

A reforma ocorreu: diversos prédios foram demolidos, avenidas foram criadas, outras foram alargadas, no que ficou conhecido como Bota Abaixo. A cidade ganha os ares de cidade maravilhosa, slogan utilizado até os dias atuais, mas não sem um custo, e foi um custo social.

A população que vivia em cortiços perdeu suas casas durante o processo de demolição e não havia mais lugares disponíveis com um valor de aluguel que não fosse exorbitante. Impossibilitados de pagar aluguel no centro, foram forçados a migrarem para os morros da cidade, dando origem às favelas. Outra parcela buscou moradia no subúrbio, zona ainda considerada rural, que abrigava fazendas, chácaras e plantações, conhecida como sertão carioca. Com a migração dos trabalhadores, os bairros foram se formando próximos às estações de trem, para que o tempo de deslocamento até os empregos no centro fosse encurtado.

E assim vai se formando a ideia de subúrbio carioca, aquele local mais afastado do centro, habitado pelo operariado, e entendido como o local onde existe trem, ou seja, se tem linha férrea, é subúrbio. As ressignificações são diversas, ao longo dos anos o subúrbio foi se transformando e sendo reconhecido como local de nascimento de novos espaços de sociabilidades, com novas formas de habitar e de construir identidades, mediadas também pelo afeto a partir da memória do lugar. “Se o Rio fosse um corpo humano, o subúrbio seria o coração” (SOUSA, 2015).

Para nossa pesquisa, lançamos nosso olhar sobre o bairro de Madureira, onde há duas estações de trem: Madureira e Mercadão de Madureira. Nas terras da Fazenda do Campinho, o bairro surge por volta de 1867, e tem esse nome devido ao proprietário das terras, Lourenço Madureira, criador de gado e lavrador. A partir da inauguração da estação de trem, em 1890, o desenvolvimento do bairro foi crescendo. Madureira não era um local somente de passagem, os trabalhadores que migraram dos cortiços e bairros do centro da Cidade, foram se instalando nos bairros mais próximos



às estações de trem. Em 1908 é inaugurada uma nova estação de trem no bairro, batizada de Inharajá, depois Magno e, atualmente, Mercadão de Madureira, outro importante símbolo do comércio diversificado no bairro, cujo slogan é “O maior mercado popular do Brasil: Junto com você”.

O viaduto Negrão de Lima é outro símbolo de Madureira, fundado em 1958, abriga há 25 anos embaixo dele, um dos mais antigos bailes charme da Cidade. Recentemente, foi inaugurado em 2012, o Parque Madureira, tornando-se rapidamente em um espaço de lazer, eventos, prática de esportes, e baile charme toda quinta-feira e domingo.

Até aqui falamos da Madureira material, construída a partir de vigas e concretos, permeada por indústrias e comércios e perpassada pelo trem. Nessa pesquisa temos o interesse voltado para a Madureira dos afetos, dos sons, da dança. A Madureira sensorial.

O território significa a constituição necessária de laços que se definem pela apropriação e uso das condições materiais, como também dos investimentos simbólicos, espirituais, estéticos e éticos que revelam a natureza social do demarcado (BARBOSA, 2009, p. 20).

Checchetto et al. (2012, p. 475) consideram Madureira como o “[...] bairro do subúrbio carioca onde a música tem papel central como entretenimento e expressão cultural”. Em Madureira temos o jongo da Serrinha, duas tradicionais escolas de samba – Portela e Império Serrano, e os bailes blacks, que ficaram conhecidos como bailes charme, a partir dos anos 80.

Dançando com charminho: O charme em Madureira

O termo “charme” surgiu nos anos 80 em um baile black no Clube Mackenzie, localizado no Méier, também subúrbio carioca. O dj Corello costumava avisar “chegou a hora do charminho, transe seu corpo devagarinho” para que o público soubesse que as próximas músicas a serem tocadas seriam as mais lentas. Ele então



colocava músicas do gênero R&B contemporâneo, que é uma mistura de hip hop e soul, para o que o público dançasse fazendo movimentos coreografados e “charmosos”.

O charme pode ser considerado a mais perfeita hibridização da cultura popular internacional urbana resultante dos vários segmentos da música negra que deram suporte ao movimento Black Rio³ nos anos 70. Dentre esses gêneros musicais destacamos o *Soul* que caracteriza-se pela identificação com a cultura periférica urbana de alguns bairros negros dos Estados Unidos e resultante da fusão do *Godspel* com ritmos dançantes próprios dos negros nos Estados Unidos. Essa fusão conseguiu colocar em um mesmo espaço a religiosidade de Martin Luther King e as coreografias e gritos característicos de James Brown – um dos astros mais importantes no mundo da música negra e considerado o ‘Pai do Soul’ (DUARTE, 2013, p.10).

O baile charme do Viaduto Negrão de Lima (Fig. 1) é realizado, há 26 anos, tendo início através de um grupo de camelôs que vendiam seus produtos embaixo do viaduto e, com isso, perdiam os bailes charme realizados em outros bairros. A solução encontrada foi criar um baile embaixo do viaduto e unir trabalho e diversão nas noites de sábado. Conseguiram autorização da prefeitura para realizar o baile, que era gratuito⁴.

O charme se tornou um ícone dentro da black music. O viaduto abriu as portas para a juventude que não sabia como se divertir ou se expressar dentro dele (ainda mais aqueles com menos de 18 anos). Hoje eles estão no parque, viaduto, mostrando suas coreografias e se divertindo com muita educação, cultura e alegria. Sempre disse aos amigos que não o conhece ‘onde se encontra gente bonita, existe bebida e não precisa de segurança e não tem brigas?’ Só no charme mesmo! – Deejay Carlos.

³ Movimento surgido nos anos 70 e inspirado na luta dos negros americanos pelos direitos civis.

⁴ O valor cobrado pelos ingressos é “Damas 5, Cavalheiros, 10”, conforme se lê na placa da bilheteria.



Figura 1: Bilheteria do viaduto Negrão de Lima (a fila segue até às pistas de cima).
Fonte: Autora

Hoje, o espaço conta com o apoio municipal, tendo sido o dia 12 de agosto instituído pela prefeitura do Rio como o dia do charme, e o gênero charme foi eleito como patrimônio cultural carioca de riqueza imaterial em 2014. O baile é realizado todos os sábados, durante o ano inteiro, promovendo reconfigurações do espaço e novas formas de expressão cultural, ao mesmo tempo em que cria outras manifestações de sociabilidades, de estar junto e de se fazer sujeito ali, ou seja, de se fazer charmeiro, construindo assim, uma territorialidade naquele bairro.

Durante o baile, os dj's misturam charme e hip hop, mas, geralmente, são artistas ligados à black music. Os charmeiros, assim chamados os consumidores deste gênero musical, chegam ao evento, em grupos ou sozinhos, mas dentro do baile, é quase impossível ficar solitário. As redes de amizade se estendem ao “amigo do amigo, que conhece aquele lá” e de repente, você está em um grupo, quer dançando, quer fazendo coreografias ou somente observando e tomando uma cerveja.



Figura 2: Embaixo do viaduto, dentro do baile.
Fonte: Autora

Ser charmeiro não significa ter uma faixa etária, nem está ligado à renda familiar, as construções de territorialidade e sociabilidade se dão pelo prazer de estarem juntos, a partir do gosto pela música. Ao observamos a dinâmica presente nos bailes, sejam ele no viaduto ou no parque Madureira, percebemos que a sociabilidade se dá, além da música, pela afetividade, são inúmeros os entrevistados que nos disseram que o baile é uma família, que são como irmãos. Uma charmeira cascuda⁵ é chamada de “mãe” pelos amigos da filha, também charmeira. E ela se orgulha desse carinho recebido e de frequentar o baile com a filha e os amigos da filha, seus filhos “de baile”.

*Frequento o viaduto há anos. O charme e o viaduto pra mim têm muitos significados; tem o lado familiar, que meus pais são charmeiros, então nasci ouvindo charme, amando hip hop e tudo mais. O viaduto, o charme, a dança em geral, é uma paixão sem fim, sentimento de liberdade, de fugir do mundo de esquecer problemas e se divertir sozinha ou com os amigos e família -
Mayara*

⁵ Cascudo é a forma usada para se referir ao charmeiro que frequenta os bailes há mais tempo. O nome está também atrelado à idade mais avançada, pois os cascudos são os charmeiros que consomem o charme desde a década de 70/80.



Maffesoli pensa essas novas tribos, formadas a partir do estar junto, do viver junto, como uma “irmandade pós-moderna” (2014, p.108) onde o afeto é a mola propulsora para a construção dessas novas comunidades, aliado a um sentimento de pertencimento.

Fazer parte de um grupo permite potencializar a lembrança através de experiências em comum ou de traços de acontecimentos que, mesmo não vivenciados da mesma maneira por todos os membros, podem caracterizar pontos de identificação por pensamentos em comum. A existência de uma comunidade afetiva possibilita a reconstituição de lembranças compartilhadas, mas que não são produzidas, necessariamente, de forma igual. A continuidade de pertencimento ao grupo permite lembranças individuais e coletivas que são ativadas pelos aspectos comuns a este e vividos de diferentes maneiras e intensidades (MARTINS, 2011, p.225).

Essas lembranças, que aqui chamaremos também de memórias, são responsáveis pela construção de novos territórios, uma nova ideia de lugar e novas formas de se relacionar com ele, no nosso caso, um bairro onde viaduto e um parque viram pista de dança, encontros amorosos ou apenas uma cerveja para encontrar amigos.

[O baile charme] é um lugar onde eu sinto que eu posso ser eu mesma, dançar como se não tivesse ninguém me olhando, vestir as roupas do meu estilo e ninguém me olhar como se eu fosse uma estranha, e as pessoas são muito receptivas, dançam junto com você a noite toda sem nunca ter te visto na vida e te abraçam como se fossem seus amigos há anos. É um lugar que, se eu pudesse, eu passava todos os dias da minha vida, dançando sem parar com toda aquela gente maravilhosa. Não tem como não amar o viaduto! – Carol.

Em Madureira, observamos um território formado a partir dessa memória relacionada ao consumo do charme, onde, a partir dos sentidos produzidos, podem ser compreendidos valores, criados novas memórias e outros símbolos de pertencimento.

Barbosa (2009) compreende o território como um espaço demarcado pelas intenções e ações humanas, onde é exteriorizada, tanto a existência individual, quanto



a coletiva. Entendendo que as territorialidades se manifestam nas ações humanas, pensaremos essa territorialidade manifesta, tanto através do estar junto como forma de sociabilidade, quanto pelo afeto. O estar-junto está mais relacionado ao emocional do que ao racional (Maffesoli, 2014).

Madureira, memorável: território afetivo da música

A música é um mapa do sentimental: Para mapear uma sociedade você tem que saber os territórios de sua música.

Rincón, 2015⁶

Memórias transformam o lugar, criam territórios, transformam os sujeitos e se constroem todos os dias. Podem ser acionadas por imagens, por outras pessoas, através do tato, do cheiro e também pelo som. Em nossa pesquisa entrevistamos⁷ inúmeros charmeiros para compreender as relações da memória na criação dessas territorialidades, mediadas pelo afeto, especificamente em Madureira. As memórias do charme são criadas, em sua maioria, na coletividade e acionadas baile após baile. “A memória envolve também relações de socialização [...]” (MARTINS, 2011, p.219).

Poxa Madureira pra mim é, alegria, amizade, um caldeirão cultural. Ali conheci pessoas e ritmos que sempre estarão presentes em minha vida, meus melhores amigos conheci lá no viaduto, pessoas que já fazem parte da minha vida a mais de 20 anos. Madureira pra mim é sempre certeza de bons momentos. Dali saíram vários casamentos. Inclusive eu, conheci meu ex-marido lá, fazendo passinho (risos) – Dani.

Adoro Madureira. Onde moro não tem nada. Conheci o pai do meu filho no Disco Voador hoje meu filho tem 23 anos. Eu tinha 18

⁶ IV Congresso de Comunicação & Música – Comúsica. Palestra de abertura: Prof. Omar Rincón (13/05/2015). Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=9rCnoy1XK54>> Acesso em 10 maio de 2016.

⁷ As entrevistas foram realizadas no ano de 2015 pela autora e estão diluídas ao longo do texto.



*anos. Hoje estou com 44 anos. Meu filho também curte charme –
Cristina.*

As narrativas relacionadas à Madureira são sempre direcionadas à multiplicidade existente no bairro, diversidade, de gostos, de música, de pessoas, entretanto, alguns entrevistados não moram em Madureira. No Rio de Janeiro é muito presente a existência de “bairros símbolos” de determinado aspecto da cultura carioca: Madureira é samba, é trem, é comércio, é black music, é Portela, é Império Serrano. Madureira é charme.

*Madureira pra mim é o melhor lugar do mundo. É um bairro onde você chega sempre tem bares tocando todos os ritmos, então acaba agradando a todos, é um bairro onde só tem pessoas felizes e isso contagia, você pode estar no pior momento da sua vida e você chega lá não tem como não ficar feliz, acaba esquecendo tudo.
– Carol.*

Poxa pra mim Madureira é tudo, eu amo esse bairro. Lá você encontra de tudo. Eu costumo dizer que Madureira não dorme. Eu desde criança eu amo charme e samba. E eu sempre quis muito conhecer o baile charme do viaduto de Madureira. E enfim conheci. Eu amo aquele lugar me sinto bem feliz me sinto em casa, cada música que toca me faz fica arrepiada. Eu tenho muito orgulho em ser charmeira – Daiane.

O charme de certa forma é uma família grande. É minha segunda casa, virou segunda casa. Madureira pra mim representa charme – Mayara.

Não enxergo a minha vida, primeiramente, sem Deus, depois o charme que me faz tão bem. Madureira é o melhor lugar para mim, uma área sem preconceito aonde todos se misturam em um ritmo só. Eu tenho 29 anos de charmeiro com muito orgulho! – Leandro.

Madureira é um bairro bem folclórico, onde as pessoas e ritmos se misturam. Na verdade, Madureira deixa de ser um bairro pra ser uma tribo onde várias etnias e gostos se mesclam. – DeeJay Carlos.



Os charmeiros entrevistados relacionam-se afetivamente com Madureira, pois como comentamos, alguns não moram no bairro. Há um sentimento de pertença (MAFFESOLI, 2014) que está ligado à ideia do consumo de charme, do estar junto pelo prazer da companhia, em honra aos pais que frequentavam o baile na juventude, pelas memórias de relacionamentos amorosos e possíveis novos encontros. “O sentido de pertencimento ao grupo através da identificação com o coletivo é o que garante a manutenção da identidade singular e, desse jeito, da memória individual que serve de subsídio para a elaboração dessa mesma identidade” (MARTINS, 2011, p.220).

Nas entrevistas percebemos que a memória do lugar foi costurada a partir do charme, e também das narrativas atreladas a ele, como espaço de cordialidade, de amizade, de diversidade. A afirmação do DeeJay Carlos, que “Madureira deixa de ser um bairro para ser uma tribo” exemplifica essa coletividade associada à memória do lugar. Com a ideia de tribo não queremos dizer que os charmeiros são iguais, mas que, o estar junto é promovido a partir desses afetos construídos pelo gosto musical. Naquele momento, no baile em Madureira, eles são uma tribo, uma tribo dos afetos, revividos e ressignificados a partir da construção de memória naquele lugar.

Conclusão

O charme é um gênero musical predominante no subúrbio, inclusive, nasceu nele. São diversos os locais de consumo de charme no subúrbio carioca, escolhemos nosso recorte em Madureira por ser um reduto de diversos gêneros musicais e abrigar diversas narrativas relacionadas à memória do bairro.

No subúrbio podemos identificar diversas narrativas relacionando- o a um local onde há companheirismo, ausência de preconceitos, berço do samba, boas relações com os vizinhos, em suma, existe a irmandade pós-moderna que mencionamos.



Esse território suburbano foi sendo construído a partir da reconfiguração dos espaços: um quintal que vira ensaio de grupos de samba e um viaduto que se torna pista de dança aos sábados. Esses novos espaços, construídos a partir das sociabilidades, vão promovendo novas formas de expressão cultural e novos sentidos a partir destas práticas, que acionadas pelas memórias do lugar e da música vão sendo ressignificadas. “Sendo assim, a memória não pode ficar restrita apenas à sua possibilidade de armazenamento, apesar de esta ser a sua dimensão mais valorizada. Importa saber o que se faz com aquilo que se lembra” (MARTINS, 2011, p.219).

O que observamos através das falas dos charmeiros é o afeto pelo bairro, associado ao prazer pela/na companhia dos amigos, consumindo charme, mesmo porque para ser charmeiro não é necessário dançar: “Sou charmeira há mais de 20 anos, mas não danço”, comentou uma das entrevistadas. “A sociabilidade é o espaço onde a interação sai dos meandros das formalidades, dos objetivos práticos e regras e entra no âmbito do jogo, da brincadeira, da conversa ‘despretensiosa’, e se liga ao envolvimento afetivo” (SILVA, 2013, p.169).

As entrevistas nos mostraram a música, através do charme, despertando memórias diversas: o ex-marido que conheceu lá, os pais que frequentavam na juventude, um local livre de preconceitos, uma extensão da sua casa, lugar de felicidade e para esquecer momentos tristes e o orgulho em pertencer àquela tribo. A ênfase nas falas está em desfrutar daquele estar junto, do prazer e dos afetos experimentados em uma irmandade pós-moderna, constantemente acionada pelas diferentes formas de sociabilidade construídas a partir do bairro de Madureira.

Referências

BARBOSA, Jorge Luiz. Conhecer o território, viver a cultura. In: **Salto para o futuro: Cultura urbana e educação**. Ano XIX, n. 5, maio/2009.

CANCLINI, Nestor G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2003.



CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Trad. Enid Abreu Dobránsk. Campinas: Papyrus, 1995.

CHECCHETTO, Fátima, MONTEIRO, Simone, VARGAS, Eliane. Sociabilidade juvenil, cor, gênero e sexualidade no baile charme carioca. **Cadernos de Pesquisa**, v. 42, n. 146, pp. 454-475, maio/ago. 2012.

COELHO, Glauci, TAKAKI, Emika. O resgate do espaço público como lugar de vivência: a experiência da ação cultural hip-hop sob o viaduto de Madureira no Rio de Janeiro. **XIII ENANPUR**, Florianópolis, 25 a 29 de maio 2009.

DUARTE, Silvia Valeria Borges. Viaduto de Madureira: ressignificações identitárias e territoriais ao som do charme. **II CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades**. Belo Horizonte, 8 a 11 de outubro 2013.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **O rapto ideológico da categoria subúrbio**. Rio de Janeiro 1858|1945. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus: comunhões emocionais**. Ed. 1. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. Juventude e memória: lembranças de tempos recentes. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 47, n. 3, pp 218-227, set/dez 2011.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. Paulo: Hucitec, 1988.

SILVA, Raquel Cabral. Desejo de cidade e sociabilidade negra. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, pp. 162-174, jan/jul. 2013.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SOTO, Willian Héctor G. **Subúrbio, periferia e vida cotidiana**. Estud.soc.agric, Rio de Janeiro, vol. 16, n. 1, p. 109-131, 2008.

SOUZA, Mônica C. P. de. Pode o subúrbio falar? A dislexia discursiva como estratégia de silenciamento e enquadramento de vozes. **Tese** (Programa de Pós-graduação em Comunicação) Universidade Federal Fluminense, 2015.